

Aluno (a): _____

Nº _____

Violência policial contra negros no Brasil e no mundo

PROPOSTA DE REDAÇÃO

A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema “Violência policial contra negros no Brasil e no mundo”, apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

TEXTO I



Disponível em: <https://ponte.org/me-senti-intimidado-diz-alexandre-beck-autor-de-tirinha-que-incomodou-a-pm/>

TEXTO II

Movimento negro brasileiro apoia inquérito na ONU sobre violência policial

Mais de cem organizações do movimento negro brasileiro anunciam seu apoio ao projeto apresentado na ONU para se criar uma comissão de inquérito para investigar a brutalidade policial nos EUA e em outros países e o racismo. O texto foi submetido às Nações Unidas pelos países africanos, como reação à morte de George Floyd, nos EUA.

O governo brasileiro ainda não tomou uma decisão sobre como votará. Mas uma ala dentro do Itamaraty defende que o Brasil seja contrário ao projeto. Pelo menos dois motivos estariam pesando. O primeiro deles se refere à aliança entre Brasília e a Casa Branca. Washington vem pressionando governos a barrar o projeto no Conselho de Direitos Humanos da ONU.

Mas o governo brasileiro também teme que, se aprovada, a comissão de inquérito também poderia analisar o comportamento da polícia brasileira. No texto, a resolução aponta que não apenas a situação americana deveria ser avaliada, mas também em “outras partes do mundo” onde o fenômeno tenha sido registrado nos últimos anos.

Numa declaração feita na ONU nesta terça-feira, a entidade que reúne as ONGs nacionais, Coalizão Negra por Direitos, indicou que apoia “a proposta de resolução sobre os Africanos e dos Povos de Ascendência Africana e a brutalidade policial”. “Em 2017, tivemos mais de 65.000 homicídios no Brasil – o mais alto nível histórico. 49.500 eram afro-brasileiros – homens e mulheres”, disse. “Entre 2007 e 2017, mais de 400.000 afro-brasileiros foram mortos sob violência policial, disputas entre gangues, mas acima de tudo, vítimas de discriminação racial histórica e racismo estrutural no Brasil”, denunciaram. “O brutal assassinato de George Floyd demonstra isso através das revoltas e manifestações nas ruas, e a demanda por justiça racial é global”, afirmam. “No Brasil, apoiamos essa luta e esses protestos, e exigimos justiça para todos os nossos jovens e para a população negra”, disseram.

“O Brasil é um país em dívida histórica com sua população negra. Não há democracia, cidadania ou justiça social sem o compromisso público de reconhecer o movimento negro como detentor de direitos e lutar contra a brutalidade policial”, alertaram. “Além disso, centenas de quilombolas estão ameaçados de expulsão de suas terras devido a projetos econômicos, especialmente na Amazônia brasileira”, completaram.

Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2020/06/16/movimento-negro-brasileiro-apoia-inquerito-na-onu-sobre-violencia-policial.htm>

TEXTO III

Violência policial nos EUA e no Brasil é igual, diz professora de Chicago

Professora da Escola de Serviço Social da Universidade de Chicago, nos Estados Unidos, a dominicana Yanilda Maria Gonzáles afirma que os assassinatos de João Pedro, adolescente negro de 14 anos que vivia no Rio de Janeiro, e de George Floyd, norte-americano negro de 46 anos, se conectam, apesar da distância em que ocorreram. Na opinião da pesquisadora que há dez anos estuda a dinâmica das polícias de Brasil, Argentina e Colômbia, essas mortes representam, numa questão macro, que “a violência policial nos Estados Unidos e no Brasil são duas faces da mesma moeda, com grandes semelhanças nas causas, manifestação e dimensão do problema”.

Nos dois países, as forças policiais agem em função de hierarquias sociais racistas e classistas, reproduzindo desigualdades na sua atuação. Por exemplo, as polícias americanas e brasileiras são, em geral, extremamente violentas, com altas taxas de letalidade. Yanilda Maria Gonzáles Na tarde de 18 de maio, o adolescente João Pedro Mattos Pinto brincava com primos dentro da casa do tio, quando foi atingido por um tiro de fuzil 556 pelas costas. O armamento era utilizado pela polícia na operação realizada no Complexo do Salgueiro, região metropolitana do Rio de Janeiro, que tinha como objetivo combater traficantes. A perícia ainda não detectou que o disparo partiu de um policial.

O caso gerou comoção e inflou no Brasil protestos motivados ao redor do mundo pela morte de George Perry Floyd Jr, em 25 de maio, enforcado por um policial em Minneapolis, nos Estados Unidos. Enquanto o agente ajoelhou-se contra o pescoço de Floyd, a vítima afirmou 11 vezes que não conseguia respirar. Ele foi enterrado terça-feira (9) no Texas, onde cresceu, com comoção comparável à provocada pela morte de grandes líderes dos direitos civis do país, como Martin Luther King.

Nascida na República Dominicana, Yanilda chegou aos Estados Unidos como criança imigrante, com 7 anos. Cresceu em um bairro de imigrantes de baixos recursos de Nova York, ganhou uma bolsa de estudos para uma faculdade privada, a Universidade Nova Iorque. Depois, fez o mestrado e doutorado na Universidade de Princeton. Na sequência, o pós-doutorado na Universidade de Harvard, uma das mais importantes do mundo. Ela já morou no Brasil para fazer sua pesquisa. De acordo com a professora, “nos EUA, a polícia mata o equivalente a 6% de todos os homicídios no país”.

“No Brasil, a proporção é maior, com as mortes decorrentes de intervenção policial constituindo o equivalente de 10% das mortes violentas intencionais. Esses dados são notáveis pois, a instituição que, em tese, deveria reduzir a violência na sociedade é na realidade uma grande fonte de violência contra a sociedade.”.

“Violência se concentra mais nas populações negras”

A professora aponta que, em ambos os países, as vítimas da violência policial são semelhantes. “Mais preocupante ainda é que essa violência se concentra muito mais nas populações negras. Nos EUA, as pessoas negras são 13% da população, mas 25% das vítimas assassinadas pela polícia. No Brasil, as pessoas negras são mais da metade da população, mas 75% das vítimas”, diz. Essas grandes desigualdades raciais entre as vítimas da letalidade policial são mantidas pelas mesmas desigualdades da sociedade, as quais reproduzem a ideia entre muitas pessoas de que a polícia não deveria tratar todos os cidadãos com igualdade. Yanilda Maria Gonzales

“Pensa no clipe que viralizou alguns anos atrás do médico branco que foi preso na Flórida e disse aos polícias ‘você está me tratando como negro’. Ou, em São Paulo, o caso do comandante da Rota que disse que a as abordagens nos Jardins têm que ser diferentes das abordagens na periferia: os dois casos refletem um amplo reconhecimento que a atuação da polícia é diferenciada por cor, classe social, e geografia”, reflete a pesquisadora. Para ela, “essas diferenças e divisões sociais são um obstáculo para as reformas policiais, porque não existe um consenso social e político em prol da reforma”.

Yanilda diz que as polícias têm poder estrutural para resistir a reformas e impor as suas preferências. “Sem a presença unificada da sociedade, poucos políticos vão provocar a polícia, só vão acomodar. Por isso, é tão importante ver essas grandes mobilizações nos EUA agora contra a violência policial e o racismo.” “É a primeira vez na história que observamos mobilizações em todos os estados, representando todos os grupos raciais e étnicos do país, todas as classes sociais, repudiando o racismo estrutural e a violência policial especificamente”, acrescenta.

Segundo pesquisas de opinião pública, 75% da população dos EUA apoiam os protestos. “Agora, a questão será ver se a polícia poderá bloquear essas transformações e se o consenso social poderá se manter ao longo prazo. A outra pergunta é quando vamos ver uma mobilização ampla e diversa contra a violência policial no Brasil, onde o problema é mais grave e a autonomia da polícia é maior ainda.”.

Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/06/14/violencia-policial-nos-eua-e-no-brasil-e-igual-diz-professora-de-chicago.htm>